



“O NÚMERO DOS BOMBEIROS É 777”: AS LINGUAGENS E AÇÕES DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM NARRATIVAS PRODUZIDAS NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Milena de Sousa Brito¹

E-mail: milenabrito719@gmail.com

Elenice de Brito Teixeira Silva²

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – CAMPUS XII

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar linguagens, ações e saberes das crianças em narrativas do cotidiano da Educação Infantil. As narrativas foram produzidas e interpretadas a partir da experiência no projeto de Residência Pedagógica (RP) da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XII, no núcleo de uma Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI, localizada na cidade de Guanambi-BA. A pesquisa desenvolvida na residência pedagógica é de cunho qualitativo e os dados foram gerados na observação e docência colaborativa e registrados em diário de campo, fotografia e videogravação, no período de três meses (março a maio de 2023), durante dez dias não contínuos. Este material foi analisado de forma descritiva das cenas observadas e transformadas em narrativas do cotidiano. A interpretação das narrativas torna visível como as linguagens das crianças expressas em contextos de exploração e brincadeira têm um papel importante na constituição de práticas que acolhem os saberes e curiosidades por elas apresentados. A observação, escuta, registro, análise e interpretação do que é vivido e escrita da narrativa do cotidiano, servem como instrumentos para a compreensão do que está acontecendo entre as crianças em suas relações com as professoras, residentes e materialidades em diversos espaços da EMEI, e principalmente, evidencia os sentidos atribuídos pelas crianças e suas aprendizagens do mundo físico, natural e social.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Narrativas do Cotidiano. Residência Pedagógica.

INTRODUÇÃO

“O que não se vê, não existe”

Loris Malaguzzi

¹ Graduanda em Pedagogia, Departamento de Educação, Campus XII – Guanambi. Bolsista de monitoria de Ensino em Infância e Educação Infantil, Voluntária de Residência Pedagógica na Educação Infantil e Voluntária de Iniciação Científica do Observatório da Infância e Educação Infantil.

² Doutora em Educação. Mestre em Educação. Professora Assistente na Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus XII – Guanambi. Coordenadora do Observatório da Infância e Educação Infantil.

As pessoas, desde que nascem, se expressam de diversas maneiras. Quando bebês, choram, para que suas necessidades de cuidado sejam atendidas. Ao longo do seu crescimento, passam, então, a se apropriar das formas culturais de comunicação, provenientes do local em que vivem, se expressando por meio da linguagem oral e gestual que vai sendo também apropriada nas relações. Em escolas de crianças pequenas, a linguagem em todos os seus aspectos (verbal, não-verbal, gestual) é um importante elemento a ser observado pelas/os professoras/professores, como recurso para compreender os processos de aprendizagens e desenvolvimento dos bebês e crianças da Educação Infantil.

Mas, como a linguagem é constituída? Que contextos potencializam seu desenvolvimento? Nossa concepção de linguagem é de uso, produção e compreensão da língua em situações sociais concretas (BATISTA, 2010). A partir desse pressuposto, compreendemos que a produção de gestos, sons, movimentos, expressões faciais e corporais, linguagem oral e escrita são linguagens que precisam ser percebidas pelas crianças nas relações e ambiente para serem apropriadas e ressignificadas por elas. Esse processo de apropriação das linguagens circulantes exige interação e brincadeira, acesso à literatura e uma comunicação responsiva dos adultos com “a luta dos pequenos para transformar gestos, sons e silêncio em discurso humano”, como afirma Souza (2016, p. 15).

Portanto, ao serem inseridas em espaços coletivos de educação e cuidado, as crianças podem se apropriar, relacionar, criar e interagir com os adultos e outras crianças presentes, transformando e ampliando as suas linguagens e as de outros, como é orientado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2010). Para que essas aprendizagens e desenvolvimento possam ser notados é preciso de uma escuta e olhar sensível das ações realizadas pelas crianças em momentos de atividades, na brincadeira, em momentos de exploração e interações com pessoas e materialidades. Há muitas orientações para a organização da ação pedagógica na Educação Infantil que destacam tal necessidade.

Quando nos referimos a escutar, significa estar com as crianças no sentido mais intenso, estar atento às suas experiências e ouvir suas teorias. Faz-se necessário um professor sensível e atento aos seus enredos em que as curiosidades e desejos dos meninos e das meninas sinalizam o que deve ser proporcionado a eles, para que possam investigar, experimentar e vivenciar (RIO GRANDE DO SUL, 2020, p. 50).

Para além da escuta, esse processo precisa ser registrado para que, posteriormente, a/o professora/professor possa ler, rever, analisar, interpretar e para a retroalimentação dos projetos e propostas de acordo com o observado. Como constata Freire e Brito (2022, p. 15), a partir

desses registros, teremos um material importante que servirá como base para repensar, mas também pode ser o indicador de algo novo a ser investigado e ampliando com as crianças, sendo todo esse material:

[...] a prova do que aqueles bebês e crianças vivenciam no cotidiano das escolas das infâncias, os conhecimentos que adquirem, seus desenvolvimentos físico e mental, suas culturas e marcas. Material esse que pode e deve ser compartilhado com toda a escola, família e comunidade a partir de mostra cultural, exposições, instalações, etc. (FREIRE, BRITO, 2022, p. 15).

Desta maneira, o presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas narrativas do cotidiano vivenciado pelas crianças e evidenciar como, a partir delas, podemos perceber e interpretar linguagens, ações, saberes e sentidos produzidos pelas crianças acerca do seu entorno social. Estas narrativas surgiram a partir da experiência como voluntária no projeto de Residência Pedagógica (RP) na Educação Infantil, realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), localizada em Guanambi-BA.

As cenas observadas, surgiram a partir da observação e docência compartilhada na Residência Pedagógica, realizada em uma turma de crianças bem pequenas com idades entre 36 a 48 meses de vida, durante os meses de março a maio de 2023, no período de dez dias não contínuos. A turma também era composta por duas professoras e mais cinco residentes da RP, nas quais atuavam em duplas ou sozinhas, em turnos diferentes e distribuídos ao longo da semana.

Os dados gerados, foram analisados de forma descritiva das cenas observadas e transformadas em narrativas do cotidiano a partir de referenciais da Pedagogia da infância e das culturas infantis (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2020; SARMENTO, 2005), que defendem que as crianças produzem cultura, modos de ser, agir, se relacionar e comunicar em contextos que favorecem suas escolhas, interações e brincadeira.

NARRATIVAS DO COTIDIANO COMO OPÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Nos estudos das Pedagogias da Infância³, somos apresentadas a vários termos e conceitos que nos ajudam a pensar e planejar práticas com bebês e crianças da Educação Infantil. Uma Pedagogia que vem com forte influência no Brasil é a construída pelo educador

³ A ideia de Pedagogia da Educação Infantil é defendida em relação à sua particularidade enquanto campo de conhecimento sobre a infância. Rocha (2001) argumenta que a Pedagogia da Educação Infantil não tem como objeto a situação educativa, como organização, estruturas e práticas, mas “as próprias crianças, seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, sua cultura, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais” (ROCHA, 2001, p. 28).

Loris Malaguzzi nas escolas para crianças da cidade de Reggio Emilia, na Itália, na qual defende a escuta atenta como premissa das construções das práticas com as crianças.

No Brasil, a partir da influência desta Pedagogia, o professor e pesquisador Paulo Fochi, define conceitos que vem da Abordagem de Reggio, que é a Documentação Pedagógica. Assim, Fochi (2019, p. 62) conceitua que:

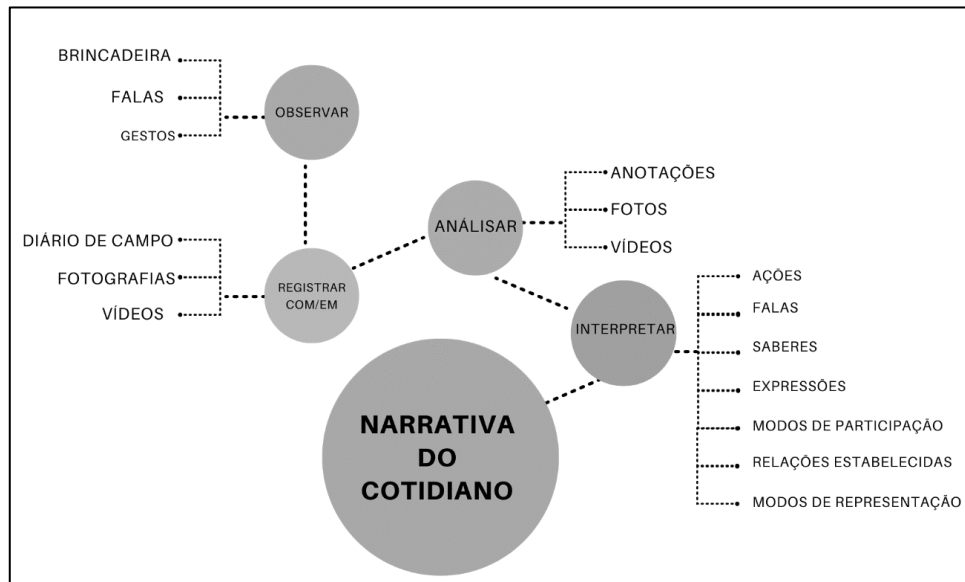
São dois os processos coexistentes que envolvem a estratégia da Documentação Pedagógica: um está relacionado ao modo como o professor planeja, organiza e cria estratégias de aprendizagem e o outro está relacionado à forma como torna visíveis as aprendizagens das crianças. Portanto, o processo de comunicar as experiências das crianças na escola é um dos pilares que estruturam a Documentação Pedagógica [...].

Um dos processos para tornarem visíveis as aprendizagens das crianças na Documentação Pedagógica é a construção de mini histórias, que de acordo Fochi (2018, p. 37) “são narrativas breves que contam episódios da vida cotidiana. Podem ser realizadas semanalmente e afixadas em local visível para as famílias. Pode ser uma estratégia para ir contando a respeito do grupo ao longo de um ano de trabalho.” Para além da construção das minis histórias, uma opção teórico metodológica para narrar os percursos das crianças pode se dá na construção de Narrativas do Cotidiano.

As Narrativas do Cotidiano têm sido um movimento construído pelo Observatório da Infância e Educação Infantil - OBEI, grupo de estudo e pesquisa da Universidade da Bahia - UNEB, de narrar as vivências das crianças a partir do cotidiano de um grupo coletivo. Trata-se de um conceito e um gênero que têm fundamentos nos escritos de Benjamin (2012) e nas pedagogias progressistas que asseguram registros da vida das crianças (FREINET, 2008) e o direito das crianças, sobretudo as de meios populares, dizerem sua palavra (FREIRE, 2005). É, portanto, uma opção ética, estética e pedagógica para tornar público e visível como a experiência coletiva é construída, como a narrativa documenta esse tempo da vida humana e se apresenta como recurso da memória da infância.

A narrativa é uma escrita que apresenta, além das falas das crianças, percursos que ajudaram a produzir aquelas falas, em qual atividade as crianças se encontravam no momento observado, a análise da cena e quais as linguagens e saberes das crianças são evidenciados. Na figura 1, apresentamos um esquema do percurso que foi realizado durante a RP, para a escrita de Narrativas do Cotidiano das vivências na EMEI:

Figura 1: Percurso para a escrita de uma Narrativa do Cotidiano



Fonte: Elaboração própria, maio de 2023.

Podemos observar na figura 1 que o passo inicial para a produção da Narrativa foi a observação. Mas o que foi observado? A brincadeira, as falas, os gestos das crianças enquanto se relacionavam com o espaço, as materialidades e outras pessoas. Essa observação precisa ser registrada, seja por fotos, em um pequeno pedaço de papel, em vídeos, etc., para que possa ser vista posteriormente, analisada e interpretada. Essas interpretações, diálogos, fotos, irão compor o texto escrito da narrativa, produzindo assim um material rico, que poderá evidenciar os percursos das crianças, as vivências, aprendizagens, o que foi desenvolvido, compondo os registros da vida das crianças no grupo e o modo como as/os adultas/os respondem a suas curiosidades, necessidades e descobertas.

NARRANDO AS VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS BEM PEQUENAS

O registro que iremos analisar, neste trabalho, é de uma pesquisa feita com as crianças sobre a fumaça que elas perceberam nos arredores da EMEI em uma tarde. No momento que as crianças perceberam a fumaça na escola, a professora conversou sobre o que era, de onde vinha e algumas crianças sugeriram chamar o bombeiro. Algumas crianças contam como este projeto começou:

Figura 01: Narrativa “O número do bombeiro é 777”

Às 7h30min da manhã, as crianças de 3 anos começam a chegar em sua sala referência. São recebidas na porta pela professora que em seguida me apresenta para cada uma que chega. Elas respondem o bom dia, e ainda sonolentas, se encaminham para as mesas que estão preparadas com peças de madeira e alguns telefones.

Vou para uma mesa na qual estão sentadas 4 crianças e pergunto: “- O que vocês estão fazendo?”

Sofia: - Estou fazendo um castelo, Tia.

Pedro: - Estou fazendo a escola.

Théo: - Tinha uma fumaça na escola, Tia. Tava pegando fogo.

Questiono - E vocês fizeram o quê?

Pedro: - Liguei para o bombeiro.

Aponto para o telefone preto e pergunto: - Esse aqui?

Théo: - Não. Telefone amarelo.

Aponto então para o telefone amarelo e pergunto se foi com aquele.

Théo: Não. Foi o amarelo. Do caminhão.

[...]

Questiono Théo qual era o número dos bombeiros e ele responde:

Théo: O número dos bombeiros é 777.

Fonte: Elaboração própria, abril de 2023.

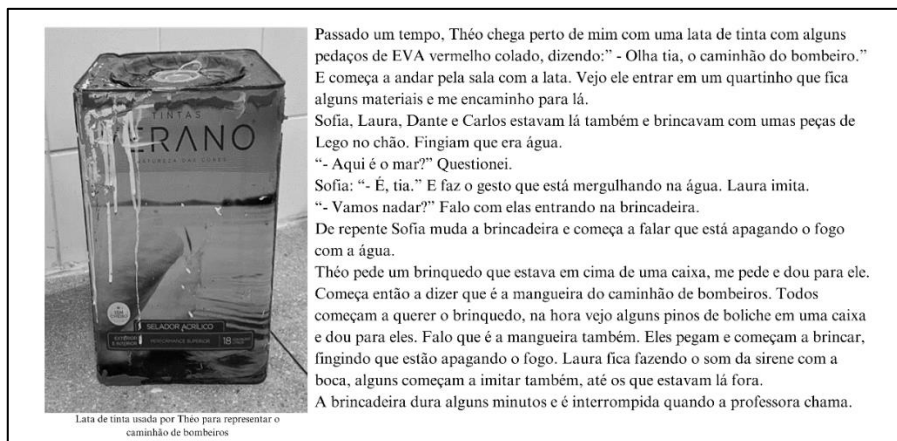
O que a narrativa evidencia são os modos como as crianças buscam representar ideias sobre como apagar o fogo e de onde ele vem, em um contexto de construtividade preparado pela professora. Quando a professora prepara um espaço com peças e telefone, ela cria um contexto para as crianças narrarem, representarem linguagens orais em linguagens gestuais, artísticas que possibilitam criar signos e símbolos para ações. Este processo é fundamental para a apropriação da linguagem oral e compreensão da função da representação pelas crianças, para que percebem que seus gestos significam algo para alguém. Além disso, o registro das falas, da brincadeira das crianças da turma, foi um importante instrumento que indicou o quanto os meninos e meninas da turma queriam descobrir sobre o fogo, fumaça, bombeiro.

Goulart e Mata (2016), discutem como a linguagem das crianças é um elemento-chave para revelar as culturas infantis e:

[...] o que elas falam e como falam para interpretar as referências da realidade, ressignificar objetos e conceitos, reelaborar vivências, ler e atuar sobre o mundo. As falas das crianças são reveladoras dos seus modos de ser, pensar e agir. Por meio da linguagem, as crianças dão forma ao conteúdo das experiências infantis (GOULART; MATA; 2016, p. 62).

Na figura 02, podemos ver como o interesse pela temática do fogo/fumaça é objeto de interesse das crianças em contextos diversos, sendo uma temática constante no brincar:

Figura 02: Narrativa “Chegou o caminhão do bombeiro”



Passado um tempo, Théo chega perto de mim com uma lata de tinta com alguns pedaços de EVA vermelho colado, dizendo: "Olha tia, o caminhão do bombeiro." E começa a andar pela sala com a lata. Vejo ele entrar em um quartinho que fica alguns materiais e me encaminho para lá.

Sofia, Laura, Dante e Carlos estavam lá também e brincavam com umas peças de Lego no chão. Fingiam que era água.

"- Aqui é o mar?" Questionei.

Sofia: "- É, tia." E faz o gesto que está mergulhando na água. Laura imita.

"- Vamos nadar?" Falo com elas entrando na brincadeira.

De repente Sofia muda a brincadeira e começa a falar que está apagando o fogo com a água.

Théo pede um brinquedo que estava em cima de uma caixa, me pede e dou para ele. Começa então a dizer que é a mangueira do caminhão de bombeiros. Todos começam a querer o brinquedo, na hora vejo alguns pinos de boliche em uma caixa e dou para eles. Falo que é a mangueira também. Eles pegam e começam a brincar, fingindo que estão apagando o fogo. Laura fica fazendo o som da sirene com a boca, alguns começam a imitar também, até os que estavam lá fora.

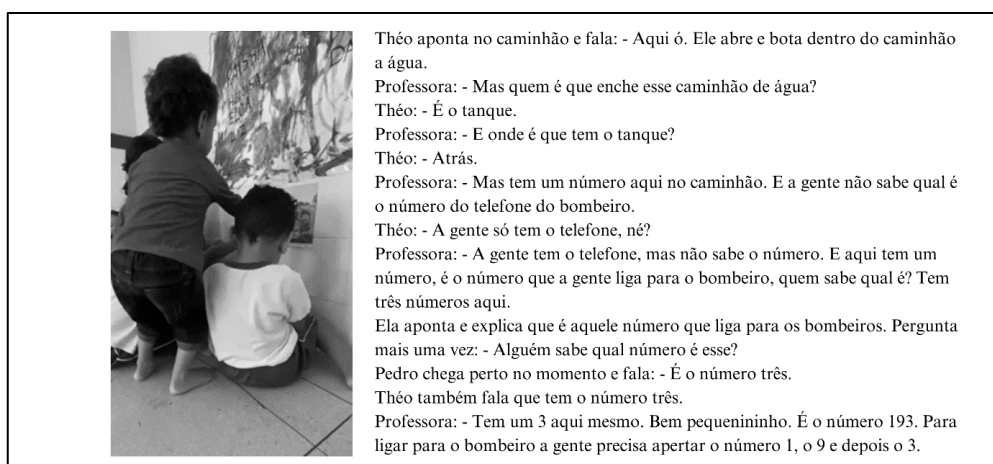
A brincadeira dura alguns minutos e é interrompida quando a professora chama.

Elaboração própria, abril de 2023.

Assim, a narrativa evidencia como o que instigam as crianças permanece vivo na memória, que relembram e narram fatos que aconteceram. Esse interesse é alimentado pelas ações da professora e cada contexto possibilita criar formas de narrar e recuperar memórias de acontecimentos, portanto, de criar campos de experiências para as crianças.

A busca pela ampliação dos saberes das crianças acerca da temática, levou então a criação de outros contextos de experiências: gráficos, de experimentação, observação, corporeidade, sensorialidade sensorial, literatura e leitura, etc. No contexto de observação da foto de um caminhão de bombeiro, surge o seguinte diálogo, após a professora questionar como se coloca água dentro do caminhão de bombeiro:

Figura 03: Narrativa “Vamos colocar água no caminhão de bombeiros”



Théo aponta no caminhão e fala: - Aqui ó. Ele abre e bota dentro do caminhão a água.

Professora: - Mas quem é que enche esse caminhão de água?

Théo: - É o tanque.

Professora: - E onde é que tem o tanque?

Théo: - Atrás.

Professora: - Mas tem um número aqui no caminhão. E a gente não sabe qual é o número do telefone do bombeiro.

Théo: - A gente só tem o telefone, né?

Professora: - A gente tem o telefone, mas não sabe o número. E aqui tem um número, é o número que a gente liga para o bombeiro, quem sabe qual é? Tem três números aqui.

Ela aponta e explica que é aquele número que liga para os bombeiros. Pergunta mais uma vez: - Alguém sabe qual número é esse?

Pedro chega perto no momento e fala: - É o número três.

Théo também fala que tem o número três.

Professora: - Tem um 3 aqui mesmo. Bem pequenininho. É o número 193. Para ligar para o bombeiro a gente precisa apertar o número 1, o 9 e depois o 3.

Fonte: Elaboração própria, maio de 2023.

O que podemos destacar aqui, é que o trabalho de docência compartilhada, tanto entre duas professoras, quanto com o acréscimo de residentes que estavam presentes diariamente com a turma, possibilitou o registro de situações em que as crianças percebem acontecimentos ao

seu redor, falam, agem, pensam e comunicam para outros tais acontecimentos. Falas e cenas estas que precisam de registro, pois compreendemos como a escuta das linguagens expressas pelas crianças é um importante instrumento para a construção das práticas em escolas da infância.

Goulart e Mata (2016), salientam como os modos de falar das crianças são legítimos e fazem parte de suas bagagens culturais, de vida. As autoras completam que “são modos de ler a realidade. É a partir desses modos de falar/modos de ser que o trabalho pedagógico deve ser organizado, de forma que tenha sentido para as crianças” (2016, p. 63). Assim, é possível compreender como, ao transcrever as falas das crianças e transformá-las em narrativas, podemos compreender o que elas demonstram saber, seus modos de agir e o que pode ser ampliado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de escrita destas narrativas, que posteriormente foram compartilhadas com a professora preceptora da Residência Pedagógica, se constituiu como um importante recurso comunicativo e de planejamento docente. A interpretação das cenas, das falas, gestos e outras linguagens das crianças evidenciam modos de perceber, pensar e agir que podem ser ampliados na ação cotidiana. É importante salientar que o trabalho de registrar essas cenas não é um processo fácil. Não é algo que pegamos no aparelho celular para fotografar/filmar e tudo passa a acontecer diante dos nossos olhos. As crianças querem saber que aparelho é aquele, o que estamos fazendo e quando viam que era uma foto delas, sempre pediam para ver. Muitos momentos também acabavam passando sem um registro por foto ou vídeo, e o diário de campo se configurou como instrumento essencial, anotando palavras soltas para depois poder tentar restituir o vivido. Nos registros em vídeos, ao serem assistidos, foi algo essencial para perceber as falas das crianças, que passavam despercebidas no momento em ação com as crianças.

O que constatamos é que demanda tempo, olhar atento e principalmente escuta sensível, o que ratifica a importância da docência compartilhada na Educação Infantil, como acontece com a presença de residentes na turma. A observação, escuta, registro, análise, interpretação do que é vivido, são importantes recursos para a compreensão do que está acontecendo nos contextos diários, nas relações das crianças nos diversos espaços da EMEI, com as materialidades e demais pessoas, e principalmente, evidência como, de fato, as crianças podem vivenciar experiências por meio da brincadeira, das interações e de narrativas que vão recompondo memórias dos momentos vividos.

REFERÊNCIAS

BAPTISA, Mônica Correia. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância.** ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas** - Volume I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Walter Benjamin, tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica. **Documentação Pedagógica: concepções e articulações** - caderno 2. Organização: Paulo Sergio Fochi. Brasília: MEC / UNESCO, 2018 - 44 p.

GOULART, Cecília. MATA, Adriana Santos da. Linguagem oral e linguagem escrita: concepções e interligações. *In:* Brasil. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.- 1.ed. - Brasília : MEC /SEB, 2016.

FOCHI, Paulo Sérgio. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do observatório da Cultura Infantil** - OBECI. Tese. São Paulo, 2019.

FREIRE, Jéssica Muniz. BRITO, Milena de Sousa. **Planejamento de contextos de experiências: encontrando o extraordinário no ordinário vivido diariamente pelas crianças.** Artigo apresentado no Seminário Interdisciplinar de Estágio e Pesquisa: O estágio como pesquisa no curso de Pedagogia. Universidade do Estado da Bahia, julho de 2022.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Municipal de Educação. **Organização da ação pedagógica: Educação Infantil.** Caderno 2. Novo Hamburgo: SMED, 2020.

ROCHA, Eloisa Acires C. **Educação Infantil (1983-1996).** Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2001.

SOUZA, Solange Jobim e. Infância e linguagem. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. Ser criança na Educação Infantil: **Infância e linguagem**. Caderno 2. Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2016. p. 11- 44.